
O que faz uma mulher no *mixed martial arts*? Reflexões de um relato de pesquisa.

**Juliana A de Oliveira Camilo,
Adriana Bernardes Pereira**

Resumo

O presente trabalho visa refletir sobre a presença de uma mulher, pesquisadora, participe de uma equipe técnica de alto rendimento no contexto do *Mixed Martial Arts* (MMA), em rotinas prévias a um evento que ocorreu no Brasil e de visibilidade internacional, no ano de 2014. O estudo, de base etnográfica, parte do feminismo da diferença e da teoria ator-rede para problematizar a presença e a paradoxal invisibilidade da mulher, no contexto do MMA. Esse estudo permitiu a vivência e a análise de que a visibilidade feminina é possível: a) na medida em que se assume um papel servil; b) como uma trabalhadora que consegue seu posto em função de seus estereótipos físicos ou; c) como prostituta, amante, namorada ou fã. Torna-se assim, uma presença improvável ou impensável como membro de uma comissão técnica.

Palavras-chave: artes marciais mistas, psicologia social do esporte, gênero, lutas.

What does a woman in mixed martial arts? Reflections of a research report.

Juliana A de Oliveira Camilo, Adriana Bernardes Pereira

Abstract

The present work aims to reflect on the presence of a female researcher, participant of a high performance technical team in the context of Mixed Martial Arts (MMA), in previous routines to an event that occurred in Brazil and of international visibility, in the year of 2014. The study, based ethnographic, part of the feminism of difference and would have actor-network to problematize the presence and the paradoxical invisibility of women in the context of MMA. This study allowed the experience and analysis that feminine visibility is possible: a) to the extent that it assumes a servile role; b) as a worker who obtains his post in function of his physical stereotypes or; c) as a prostitute, lover, girlfriend or fan. It thus becomes an unlikely or unthinkable presence as a member of a technical committee.

Key-words: mixed martial arts, social sports psychology, gender, fights.

¿Qué hace una mujer en las artes marciales mixtas? Reflexiones de un informe de investigación.

Juliana A de Oliveira Camilo, Adriana Bernardes Pereira

Resumen

El presente trabajo pretende reflexionar sobre la presencia de una mujer, investigadora, partícipe de un equipo técnico de alto rendimiento en el contexto del *Mixed Martial Arts* (MMA), en rutinas previas a un evento que ocurrió en Brasil y de visibilidad internacional, en el año de 2014. El estudio, de base etnográfica, parte del feminismo de la diferencia y la tendría actor-red para problematizar la presencia y la paradoja invisibilidad de la mujer, en el contexto del MMA. Este estudio permitió la vivencia y el análisis de que la visibilidad femenina es posible: a) en la medida en que se asume un papel servil; b) como una trabajadora que logra su puesto en función de sus estereotipos físicos o; c) como prostituta, amante, novia o fan. Se convierte así en una presencia improbable o impensable como miembro de una comisión técnica.

Palabras-clave: Artes Marciales Mixtas, Psicología Social del deporte, género, peleas.

Introdução

O que é ser mulher, pesquisadora, psicóloga social do esporte, inserida na modalidade esportiva de combate chamada de *Mixed Martial Arts* (MMA)? Tendo em vista que a modalidade possui uma exacerbação dos aspectos viris, vinculado predominantemente ao ideário do masculino tradicional e conservador, interessou-nos aqui expor as tensões de gênero presentes em um treinamento pré-competitivo, feito em um hotel, onde o atleta estava hospedado com a sua equipe. Nessa experiência, ocorrida durante um estudo etnográfico, no ano de 2014, para uma pesquisa de doutoramento, se colocou a seguinte questão: como será que uma mulher, pesquisadora, psicóloga social do esporte, transita nesse espaço? Esse estudo permitiu a vivência, com diferentes atrizes e atores sociais, de situações em que se foi posicionada como fã, namorada, aluna ou uma "curiosa" em geral, mas nunca como psicóloga ou como pesquisadora, ainda que este papel fosse constantemente clarificado para as pessoas presentes no local. As experiências vividas atribuíram lugares e papéis pré-determinados ao feminino que serão expostos neste texto.

Buscaremos discutir estas questões a partir do feminismo da diferença (Irigaray, 1977,1979). Este feminismo contemporâneo caracteriza-se por reivindicar igualdade entre homens e mulheres, mas não a igualdade com os homens, pois isso implicaria seguir o padrão hegemônico, que é masculino. Uma das ideias principais é que a diferença não significa desigualdade, já que o contrário da igualdade não é diferença, senão desigualdade (Garcia, 2015). Esta corrente de pensamento, se localiza sob a influência da "terceira onda feminista", com os estudos pós-estruturalistas, feminismos *queer* e pós-coloniais, que passaram a ressaltar a questão das experiências singulares, das diferenças e da subjetividade, sendo esta construída no campo discursivo, pela alteridade e em movimento dialógico de percepção e subjetivação a partir do "outro".

É importante contextualizar que, no início do movimento feminista, a luta pela igualdade esteve em evidência. Apenas na segunda metade da década de 70 e no decorrer dos anos 80 é que o debate sobre a valência positiva da diferença começou a ganhar corpo (Garcia, 2015). Com isso, as mulheres conseguiram lutar por igualdade, não mais na tentativa de se assemelharem aos homens, mas, fundamentalmente, pelo direito de ser diferentes deles.

Com isso, o feminismo da diferença se alicerça na proposta de igualdade e na mudança nas relações de gênero, possibilitando a mulheres e homens a ruptura com os antigos estereótipos e na construção de novas formas de se relacionar, agir e se comportar. Tem-se assim, a permanente reconstrução do feminino e da reconstrução do masculino, que estará em contínua luta e tensão dialética, tendo em vista que estão em jogo diferentes poderes e desejos.

Há acentuadamente um pensamento libertário, na medida em que os homens podem se emancipar do peso do ideal machista e, às mulheres, se libertarem do imperativo do que se entende por feminino. Ambos podem ser sensíveis, objetivos, fortes, inseguros, dependentes, independentes, com liberdade e autonomia (Araújo, 2005).

A noção de diferença é pensada com referência à pluralidade e, sua multiplicidade, caminha junto aos marcadores de gênero, classe e raça. Para

este feminismo a liberdade começa com a apropriação da diferença sexual, explorando as margens de resistência em relação às visões dominantes de feminidade. Para Braidotti (1994) não existem somente diferenças entre as mulheres, mas também dentro de um mesmo sujeito, cuja subjetividade não é fixa, mas sim atravessada por camadas de diferentes experiências. Leva-se assim em consideração a diversidade entre as mulheres e dentro de cada uma.

No entanto, quando a diferença é empregada de maneira negativa e divisória, criam-se ideias de que "ser diferente de" significa "ser menos que" ou "valer menos que". Esta maneira de pensar a diferença se sustenta em relações de dominação e exclusão, em um pensamento que se desenvolve a partir de uma lógica dualista (Braidotti, 1994).

As práticas em torno do MMA têm se mostrado, desde sua origem, um terreno que demarca as diferenças de modo divisório e limitante. Homens lutam, treinam lutadores, julgam performance, estão em evidência. Ainda que nos últimos anos as mulheres estejam gradativamente ocupando novas posições (assim como as lutadoras que recebem cada vez mais evidência), concepções normatizadas sobre os lugares destinados ao feminino seguem determinando quais são as possibilidades de navegação social.

Esconde-se assim o contingente significativo de trabalhadoras que são invisibilizadas, ficando restritas ao suporte dos atletas fora dos olhos da mídia e do público em geral, tal como as treinadoras, profissionais de educação física, psicólogas, profissionais de marketing, enfermeiras, nutricionistas e fisioterapeutas.

Talvez a única profissional que se seja autoriza a fugir a esta regra são as *ring girls* (modelos jovens, magras e quase todas brancas, que desfilam com roupas curtas, justas e provocantes, entre os *rounds*). Elas são parte do *show* em torno do MMA e chegam a ter uma remuneração maior do que as próprias lutadoras (<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2015/02/arianny-celeste-dispara-contraronda-ela-nao-passa-de-uma-valentona.html>). Esta realidade segue demonstrando que as noções de corporalidade feminina mesclam-se às relações de classe, raça e gênero.

Vê-se assim que, apesar de tantas conquistas, desenvolvimentos teóricos e ganhos de direitos, o contexto que envolve o MMA se apresenta como um contexto machista e misógino. Há a expressão, a olhos vistos, de preconceitos aliados a exacerbação dos estigmas definidos pelos papéis sociais que enquadram e mantêm as desigualdades.

Considerando a fluidez da cultura e as novas determinações para a relação espaço-tempo que diretamente fazem do esporte, e mais especificamente do MMA, um palco de relações de poder, o presente trabalho discute as relações de gênero e as tensões envolvidas quando uma mulher, pesquisadora e psicóloga, se faz presente na rotina de treinamentos de um lutador de MMA. Problematizar essas ideias, geralmente carregadas de preconceitos, é uma maneira de entender como essas construções são feitas. Daí, amplia-se o olhar sobre o mundo e, por conseguinte, amplia-se o olhar sobre os atletas e sobre nós mesmos (Ibáñez, 1993, 1994, 2001, 2004).

Sobre o *Mixed Martial Arts*

O *Mixed Martial Arts* (MMA) é uma modalidade esportiva de combate que emprega diferentes técnicas corporais originárias de diversas artes marciais e esportes de combate, tais como: jiu-jitsu, boxe, kickboxer, muay thai, luta greco-romana, kung fu, karatê, judô, entre outras (Alonso & Nagao, 2013; Awi, 2012; Franchini & Vecchio, 2011). A competição em si é envolta por todo um conjunto de eventos e marcadores que lhe confere a condição de espetáculo.

A luta em si é realizada por dois lutadores em um ringue cujas grades laterais são montadas em oito lados (um octógono), e lhe conferem o aspecto de jaula. Como a modalidade tem categorias baseadas no peso de seus atletas, antes das lutas ocorrem pesagens de confirmação e muitas especulações sobre o tema, algumas transmitidas pelos meios de comunicação criando um clima de rivalidade e agressividade bem característica de espetáculo. Espera-se que os lutadores demonstrem suas habilidades em diferentes artes marciais, vença o combate e, sobretudo, conquiste o público com o desempenho apresentado, assegurando-lhe um lugar de destaque entre os demais lutadores (Wells, 2012).

No Brasil é possível observar o desenvolvimento meteórico do MMA, que ganhou amplo e largo espaço no cenário esportivo e na mídia, conquistando um número crescente de interessados, fãs, praticantes, patrocinadores. Isso levou ao desenvolvimento de produtos esportivos e à organização de novos eventos. Corroborando essa ideia, apenas 2014, foram localizadas 312 ligas no país que realizaram eventos nesse ano (Camilo, 2016). Estas ligas são registradas como empresas, podendo possuir investidores, patrocinadores e incentivos governamentais. Com isso, vemos que mais do que um esporte o MMA se tornou um grande negócio, envolto em interesses mercadológicos tanto do atleta, que vê no esporte um futuro profissional (que pode ajudá-lo a ascender financeiramente), como para seus investidores, que esperam retornos financeiros em grande quantidade de dígitos.

Ainda assim, observa-se ainda um amadorismo no que tange o MMA, sobretudo quando se vê a descontinuidade das ligas esportivas criadas no cenário nacional. Destas, muitas realizaram apenas um ou dois eventos em um ano e encerraram suas atividades (Camilo, 2016). Esse fato reforça a ideia de falta de profissionalização das ligas (falta de planejamento financeiro, falta de estrutura física e médica e falta de gestão de pessoas e processos). Há também um tom de denúncia por parte da coletividade envolvida no MMA, ao apontar que algumas academias e/ou empresários buscam criar eventos ou combinar combates "mais fracos" para potencializar o curriculum de alguns lutadores, tornando-os mais atrativos para outros eventos com pagamentos maiores, como por exemplo, o UFC.

Com os elementos supracitados não é de se estranhar a escolha dos locais para a realização de alguns combates, tais como: em casas de shows (Balada Kombat, CWB Party Fight, W1 Fight Party), igreja evangélica (Ultimate Reborn Fight) e na praia (W1 Fight Party). Algumas ligas se vinculam as respectivas instituições com a tentativa de retirar jovens das ruas, afastar das drogas ou do crime (Pinhais Nocauteando As Drogas, Favela Kombat, Lutando Pela Paz). Outras ligas trazem ainda marcações de

gênero que ampliam o espectro mercadológico e reforçam e ratificação estereótipos (Cabra Macho MMA Circuit, Coronel Combat, Iron Man Vale Tudo, Iron Girl Fight, Victory Iron Girls, Pink Fight).

No cenário internacional o *Ultimate Fighting Championship* (UFC) é a principal liga de MMA e têm faturamentos que impressionam. Os números do UFC Rio, na sua edição 134, de 27 de agosto de 2011, ajudaram a impulsionar a modalidade no país. Foram mais de 20 mil pessoas presentes no evento, 30 milhões de aparelhos de TV ligados no Brasil, 135 países conectados, 597 milhões de lares no mundo e um impacto econômico de US\$ 50 milhões para a cidade do Rio (Gomes, 2011). Já o UFC em sua edição 198, realizado em maio de 2016, em Curitiba, foi igualmente impactante na lógica financeira. Cerca de 15.000 pessoas compareceram em um evento prévio, um dia anterior às lutas, que é composto basicamente pela pesagem dos lutadores, sendo considerado o maior público de uma pesagem já realizada na história da organização. O impacto econômico do UFC na cidade foi de aproximadamente R\$ 45 milhões (Agência de Notícias da Prefeitura Municipal de Curitiba, 2016). O UFC também compõe o seleto grupo da Revista Forbes, que avalia as marcas esportivas mais valiosas no mundo. De acordo com este ranking, em 2014, a empresa valia US\$1.65 bilhões de dólares e, sua marca, US\$ 440 milhões (Ozanian, 2014). Na TV paga do Brasil, o MMA é, além do futebol, o único esporte com um canal específico: o Combate.

As raízes do MMA no Brasil estão vinculadas diretamente à história da família Gracie. Eles teriam sido os responsáveis pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento do estilo de arte marcial brasileira conhecida hoje como Jiu-Jitsu brasileiro ou Brazilian Jiu-Jitsu (BJJ), tendo sido também os principais fundadores da principal liga de MMA do mundo, o UFC.

O lugar destinado às mulheres da família Gracie, durante longo tempo, ficou restrito aos cuidados da casa e à reprodução de seus lutadores. No lugar destinado a elas a traição por parte do marido deveria ser aceita e a convivência "harmônica". O tatame não era para elas (Awi, 2012). A primeira mulher a subverter essa lógica foi Kyra Gracie (29/05/1985), pentacampeã mundial no esporte (2004, 2006, 2008, 2010 e 2011) e a única mulher faixa-preta da família até 2014. Mesmo demonstrando talento para o combate foi pressionada pela família a abandonar o tatame, o que pode ser visto em diferentes reportagens e entrevistas concedida por ela na internet ou em programas de TV. Os métodos patriarcais para manter a mulher sem situação de inferioridade e subordinação, sempre presentes na cultura machista brasileira, pareceu extrapolar os limites da família Gracie quando se tratava da lutadora e campeã do clã. As publicações em torno de Kyra Gracie estavam quase sempre vinculadas à sua beleza e ao seu "jeito feminino", "ainda que" fosse uma atleta de luta.

Tal como problematizado por Wacquant (2002), ao estudar boxeadores nos EUA, o MMA tem um apelo a um projeto de masculinidade. Os atletas são submetidos a treinamentos rigorosos, dolorosos e longos que endossam um ideal de homem forte e viril. Nesse sentido Akihiko Hirose e Kay Kei-ho Pih (2010), apontam que, embora existam variações culturais importantes, o MMA tem dois traços marcantes que apelam à masculinidade dos praticantes: aqueles que adotam o estilo de golpear, socar e chutar um adversário (*striking*) ou, aqueles que usam técnicas de luta agarrada e

submissão (*grappling*), que pode dar o tom de ser "menos violento". Os autores apontam que, na cultura do MMA, as técnicas de *striking* são vistas como mais violentas e, portanto, mais viris que as técnicas de *grappling*. Nesse sentido, um lutador que é derrotado por ser nocauteado mantém sua masculinidade intocada, se comparado com um lutador que "desiste" do combate por uma submissão a uma técnica de *grappling*. Essa desistência se dá por "dois tapinhas", normalmente feito quando o lutador está diante de um desmaio eminente ou de ter um membro quebrado pelo adversário. Muitos se recusam a dar "dois tapinhas", adquirindo lesões corporais ou chegando a perder a consciência.

As feridas e as cicatrizes tornam-se marcas de masculinidade, tornando-se símbolos de prestígio. Elas demonstram o quanto se conseguiu suportar e o quanto se foi "duro" em determinado combate. Congruente a esta discussão, mas falando a partir de torcedores de futebol que duelam, Zucal (2005) aponta que os que lutam e demonstram resistência à dor, tornam-se possuidores do simbólico aguante. São os que "aguentam" que passam a ser encarados como "verdadeiros homens".

A exacerbação dos aspectos viris, hostis e violentos foi também encontrado por Nascimento et al. (2011, p. 205) ao investigar o modo como os lutadores de artes marciais, entre 1996 e 2009, em duas revistas especializadas, Gracie e Tatame. Para os autores, as revistas reiteraram referências tradicionais do masculino, "que, por seu caráter prescritivo, davam a entender, de forma explícita, que ser melhor lutador é também ser melhor homem".

Os aspectos viris também podem se aproximar do "mito do herói" sobre o qual discorre Rubio (2001). A autora recorreu à mitologia grega para apontar que o heroísmo é vinculado, sobretudo, ao masculino, já que eram eles quem predominantemente iam para as guerras e caçadas. Heróis são guerreiros e, como tal, morrem na guerra, dando origem ao mito de que seriam metade humano e metade divindade. A autora pergunta ainda: "quem mais, nas sociedades contemporâneas, teria o poder da façanha de deter a atenção de alguns milhões de pessoas (Rubio, 2001, p. 99)"?

A exacerbação da masculinidade está presente no esporte. Se por um lado favorece o mito do herói e a identificação com o público, por outro expõe o corpo ao extremo, ao limite do suportável, as lesões graves que podem ter suas consequências, por vezes, imensuráveis. Coloca a vida e a saúde em risco para que se consiga atingir a vitória, um ranqueamento melhor ou determinada premiação.

Métodos

Esse artigo busca refletir algumas questões que surgiram a partir de uma vivência que ocorreu durante uma pesquisa de doutorado. Este estudo, de cunho etnográfico, desenvolveu-se em uma equipe de MMA na cidade de São Paulo. Foram oito meses de interações semanais no ano de 2014, contando com: acompanhamento de treinamentos, lutas, pós-lutas e conversas mediadas pelas redes sociais. Nesse período realizaram-se observações participantes, conversas, interações e mapeamentos de materiais diversos. O emprego desse modo de fazer pesquisa, associado ao

tempo empregado no local, permitiu uma aproximação com as pessoas que transitavam nesses espaços.

Por esta razão foi possível acompanhar a semana de preparação e concentração para uma luta, do principal atleta da academia pesquisada, que chamaremos aqui de Marcelo. Essa preparação foi feita durante uma semana, em um hotel "cinco estrelas" em São Paulo, que era subsidiado pela organização esportiva, ao atleta e sua comissão técnica (composta por 3 treinadores). Nessa experiência, foi possível participar das entrevistas à imprensa realizadas pelo atleta, dos autógrafos, dos treinamentos e das conversas com a equipe técnica. Para que se pudesse fazer parte dessas ações foi necessário que a pesquisadora fosse posicionada como integrante da equipe de MMA do referido atleta, podendo assim transitar pelos diferentes espaços em que a comissão técnica e o atleta estavam.

Especificamente será destacado a seguir parte da experiência captada durante um treinamento feito em uma das salas reservadas para este fim no hotel, dois dias antes da luta. Estrangeira naquele espaço masculino, a pesquisadora que esteve em interação direta, era mulher, jovem, branca e de olhos claros, considerada bonita para os padrões culturais de beleza ocidental, em um local dominado por homens com todas as marcações de masculinidades hegemônicas. Vestida sempre com calça jeans, camiseta e tênis, destoava dos demais membros das comissões técnicas, já que era a única mulher presente como profissional em uma equipe naquela semana.

Esta vivência nos permitiu entender que a presença feminina é possível se: a) assumir um papel servil; b) como uma trabalhadora que consegue seu posto em função de seus estereótipos físicos ou; c) como fã, familiar ou namorada.

Cabe dizer que, nesse hotel, haviam muitos trabalhadores da imprensa, repórteres, editores, promotores. Muitos "cliques" das máquinas fotográficas e muitos beijos e autógrafos. Havia fãs homens, mulheres, crianças e idosos, todos igualmente extasiados. Lutadores de todas as nacionalidades (não havia mulheres), seus técnicos e equipe multiprofissional. Eram muitas informações ao mesmo tempo: mídia, fãs, lutadores, modelos, promotores, atletas, técnicos, gravadores, máquinas fotográficas, autógrafos, seguranças, horários a seguir. Sempre tinha alguém da organização para dizer ao atleta e seu técnico: "faça isso e aquilo" e "não atrase".

Havia muitas mulheres transitando pelo hotel na condição de modelos, promotoras e organizadoras do evento, funcionárias do hotel, jornalistas, fãs ou familiares de alguém. Quase sempre muito bem vestidas e/ou uniformizadas, maquiadas, cabelos penteados, roupas aparentemente novas e com acessórios diversos (brincos, pulseiras, colares). As trabalhadoras eram, sobretudo, jovens e magras apresentando um padrão referencial de feminilidade.

Assume-se neste artigo as noções de campo de Bourdieu (1989) quando esse autor descreve que o campo não é um lugar e sim a situação atual de um assunto, a justaposição de sua materialidade e sociabilidade. Nesse sentido, não é o campo que tem o assunto, mas o assunto que tem

um campo. Spink (2003) especifica o campo como campo-tema, com as seguintes características: a relação entre pesquisado e pesquisador (pesquisa colaborativa, pesquisa-ação, pesquisa participativa), que pode possuir múltiplos e diferentes métodos dentro de uma mesma investigação (que é o caso da presente pesquisa), que descreve as práticas levando em conta lugar e tempo e que não requer planejamento antecipado das estratégias de pesquisa. Acrescente-se ainda que falar do campo-tema é como contar e narrar os processos e as histórias presentes no estudo, sem perder o rigor da forma de organização e da redação do trabalho dentro das regras acadêmicas (Pereira, 2015).

Todas as interações e movimentos das pessoas que transitaram nesse espaço foram registrados em um "Diário". O objetivo era capturar os movimentos constantes das pessoas envolvidas com o espetáculo que o evento pretendia criar; desta forma registrou-se tudo o que pertencia a temática do evento dentro daquele campo-tema. Partindo dos pressupostos metodológicos compartilhados com a teoria ator-rede (TAR), os relatos textuais que aqui se apresenta não foram filtrados com interpretações. A concepção é de que a descrição fale por si só (Latour, 2012).

Assim, a metodologia seguiu uma afinidade etnográfica que se inspira nos trabalhos de Law (1994), Latour (2000), Law e Mol (2008). Essa metodologia procurou levar em consideração diferentes atores, instrumentos, instituições, ambientes e seus entornos. Nesse percurso metodológico seguiu-se as pessoas nas práticas que fomos autorizadas a conhecer, reconhecendo que, em uma pesquisa, sempre estamos um passo atrás daqueles que estudamos (Latour, 2012).

Basear-se em uma metodologia etnográfica não quer dizer assumir a postura de superioridade perante aqueles que transitam nos espaços que convivemos, mas sim, que nós, pesquisadoras e pesquisadores, participamos do ordenamento de nossas pesquisas. Nós afetamos e somos afetados e, assim como as atrizes e atores, temos também incerteza, fragmentação e incompletude (Law, 1994).

Conforme orienta a Resolução CNS/MS nº 466/12, esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resultados

Dezembro de 2014 – Acompanhamento de treinamento de em Hotel.

Faltavam dois dias para a luta de Marcelo, atleta principal da academia de MMA pesquisada. Por ter passado oito meses em interações constantes por ocasião da pesquisa de doutorado, fui autorizada pelo lutador e sua comissão técnica, a participar da maioria das atividades promocionais do evento no hotel.

Quando eles entendiam que algo poderia ser interessante para a pesquisa, enviavam-me uma mensagem por alguma rede social. Normalmente as mensagens chegavam próximo ao horário do evento e eu precisava apressar-me. Lá ia eu com meu Diário de pesquisa.

O dia que recortamos para retratar o cotidiano de uma pesquisadora no MMA foi típico. A pesquisadora recebeu uma mensagem do treinador de Marcelo (que chamaremos aqui de Antônio) falando que haveria um treinamento e que se poderia participar. No saguão do hotel, enquanto aguardava a equipe, notou-se um intenso assédio de fãs direcionados a um lutador que estava em evidência na mídia. Tentando observar as interações ali travadas, sentada em um sofá e sozinha, a pesquisadora foi abordada por um segurança e por uma promotora, ambos pedindo para que se identificasse e se estava esperando alguém. A eles foi respondido que “sim” e disse o nome da equipe que se estava acompanhando. Este foi o primeiro “erro”, a palavra “acompanhando”. O que faz uma mulher “acompanhando” uma equipe de MMA? O “erro” foi notado a partir dos olhares com doses de malícia e sorrisos contidos, sugerindo que eu pudesse ser prostituta, amante, namorada ou ainda uma fã tentando obter alguma proximidade.

Marcelo e sua equipe chegam ao saguão e são abordados por alguns jornalistas para tirar algumas fotos. Logo após, chegam até a pesquisadora animados e vão juntos para a sala de treinamento. Nesse espaço, cerca de outros seis atletas (não adversários) também poderiam treinar, mas, no momento em que se entrou, a sala estava vazia. A sala era equipada com um tatame, uma balança, garrafas de água e muitas toalhas. Havia cerca de outras quatro salas iguais, para que os adversários não tivessem a oportunidade de se encontrar.

Sento-me no tatame e passo a observar o treinamento de Marcelo, procurando deixar a atenção livre para que fosse possível entender um pouco mais sobre aquelas práticas. Periodicamente Marcelo e Antônio vinham em minha direção, faziam algum tipo de brincadeira e voltavam ao treinamento. Sentia-me segura naquele espaço, longe dos assédios, dos olhares interrogativos para mim e da sensação que seria proibida de estar ali. Entra na sala um atleta estrangeiro com seu treinador. Eles cumprimentam discretamente Marcelo e Antônio, passam diante de mim e cumprimento-os, mas eles sequer me olham.

Há aqui um segundo “erro” da pesquisadora. Como se autorizar a cumprimentar alguém fora do meio conhecido (a academia de luta que se estava vinculada e seus atores)? Há de se ficar sentada, dócil, observando e servil. Marcelo e Antônio continuaram o treinamento sem se importar com a nova dupla presente. Continuam brincando, falando sério e falando com a pesquisadora. Nesse momento, uma promotora do evento entra na sala, uma jovem com traços de modelo: branca, magra, cabelos loiros e jovem, que obedece ao “perfil padrão” das trabalhadoras presentes. Ela pergunta para Marcelo se o treinamento ainda demoraria, porque ele precisaria autografar alguns cartazes promocionais. Quem responde é Antônio, dizendo que teriam cerca de 30 minutos mais. Ela diz apenas “ok”, olha para a pesquisadora com uma fisionomia séria, não diz nada e sai da sala. Cerca de cinco minutos após esse primeiro contato, ela volta a entrar na sala, desta vez com outro lutador e dois membros de sua comissão técnica.

Ela olha para mim e diz com severidade “você pode se retirar da sala”. Ruborizo-me novamente, com a sensação de ter invadido um espaço proibido. Como estava com a bolsa e o diário aberto, além de algumas canetas destampadas, demoro alguns segundos para me organizar. “Erro” número três: por que sair

da sala se eu estava junto com a equipe técnica e autorizada por eles?

Nesse momento, Marcelo percebe o ocorrido, interrompe seu treinamento, e diz com firmeza: "aonde a senhora vai"? O masculino, que era um dos atores principais do espetáculo, oferece tutela. Coloca sua voz e desejo em ação e se contrapõe ao que estava acontecendo. Assim, se responde:

"Vou aguardar lá no saguão, porque esta moça disse que não posso ficar aqui". Ele olha para ela, com visível descontentamento e diz: "porque ela não pode ficar aqui? Ela é da minha equipe! Vai ficar aqui sim". Com certo embaraço ela diz que alguns homens poderiam ficar nus ali e que não era "adequado para uma mulher".

Marcelo a ignora e diz que ninguém tem que ficar pelado ali, pois se tratava de um espaço de treinamento. E endossa que "a psicóloga" não sairia da sala. A promotora diz então que não sabia que se era da equipe técnica e diz que "tudo bem ficar ali, desde que não se importasse com os homens nus que ali aparecessem". Novamente sentada no tatame sem saber muito como agir a pesquisadora se limita a registrar o que havia acontecido no diário de pesquisa. Ainda que o lutador tenha posicionado a pesquisadora como psicóloga, revelando certa defesa por espaço, sobretudo vinculado à psicologia do esporte, há de se ficar dócil e servil naquele momento. Não é possível se contrapor sob o risco de ter que se retirar do ambiente. Assim, Marcelo volta a treinar e o incidente parece ter sido esquecido. No entanto, cerca de cinco minutos mais tarde a promotora entra na sala com um atleta estrangeiro, que utilizaria a balança para verificar o peso e que, segundo ela, poderia ficar nu.

Pergunta-me então se eu não ficaria mais à vontade fora da sala e completa com dose de ironia "a não ser que você não se importe..." Falo que não veria problema em ficar, pois sendo integrante da equipe de MMA há algum tempo, já havia vivido situações similares. Digo ainda que eu estava observando o treinamento de Marcelo e a lembrei que a balança estava localizada atrás de mim, ou seja, eu precisaria me virar para olhar. Ela concorda e eles vão para a balança. Como o grupo não conseguiu usar a balança a promotora pediu a ajuda de Marcelo. Olho para o fundo da sala e noto que o atleta que supostamente ficaria nu usava um short de lycra, maior do que o de Marcelo usava naquele treinamento.

Após essa interrupção o treinamento de Marcelo foi encerrado.

Discussão

A experiência que trabalhamos aqui não se pretendeu como modelo ou uma generalização do que ocorre em cenários semelhantes. Nossa pretensão se debruça em circunscrevê-la como seminal acerca do estrangeirismo de uma mulher, pesquisadora e psicóloga no MMA. Sendo uma pesquisa de cunho etnográfico abandonamos nosso território habitual e fomos ao país do outro. Co-construímos a realidade que aqui descrevemos. O jogo de proximidade com as outras e os outros rompeu com o instituído e criou tensões.

A promotora entendeu seus atos como legítimos, ainda que eles apontassem para uma naturalização das mulheres como pessoas que só transitam nestes espaços, porque desejam ficar próximas dos lutadores ou porque são namoradoras ou similares. Não conseguiu criar elos com o outro feminino ali presente. Posicionava-se como a moça bonita que organiza os espaços com eficiência, mas sem se dar conta que, dificilmente, ocupará um cargo estratégico nessa organização. É importante retomar que ao longo da história ocidental, as mulheres ocuparam (e ocupam) primordialmente os locais de servidão. Locais estes disseminados desde a educação infantil e dados como a obrigação do feminino.

Partindo do pensamento de Irigarai (1979) tem-se aqui um sistema falocêntrico que se apoia numa lógica identitária baseada na exclusão e polarização da diferença. Esta é a base do patriarcado, no qual o homem é o centro, o ponto de partida e, a mulher, a negatividade do homem, que não possui representação própria. Há aqui uma negação do feminino e de qualquer protagonismo ontológico. Irigaray discute ainda que, a partir da cultura ocidental, a imagem da mulher é vinculada ao corpo/sexo ou à sua "natureza reprodutiva". Ela continua a ser posicionada como objeto, somente existindo a partir da referência aos valores do homem, e não a partir de suas particularidades.

A promotora, quando se esforça em tentar apagar a presença do feminino, tirando-o daquele local, só reforça a existência do feminino que se tentou expurgar. A pesquisadora, por ser uma estrangeira naquele ambiente, por ser mulher, branca de olhos claros, impôs o desconhecido e o imprevisível. O feminino, enquanto ser que pesquisa e produz conhecimento, recebeu a perplexidade e a dúvida. É possível entender que as realidades das práticas de pesquisas científicas estejam distantes do universo do MMA. Contudo, é importante reforçar que ali a pesquisadora era uma pessoa da comissão técnica de uma equipe de MMA. Por que não recebeu o mesmo estatuto dos demais homens que, igualmente, acompanhavam atletas?

Acompanhar atletas. Palavra maldita quando vinculada a uma mulher. "A acompanhante", seria aquela que se vincula com a prostituição? A imposição dos locais destinados ao feminino é reforçada pelo patriarcado, por instituições religiosas, pela mídia, pelas escolas e pelo Estado. O fronteiroço entre a mulher que era um potencial objeto do prazer masculino (a prostituta, a fã, a conquistadora) e a promotora-modelo endossa os lugares que se é possível ocupar. Para a pesquisadora, psicóloga, há o espaço da docilidade, sentada no canto do tatame, sem olhar, sem opinar.

Mas, estar sentada docilmente não é o suficiente. Foi necessário o poder do masculino ali presente para proteger e oferecer tutela. Mas, convém observar que a importância do outro e seu comando (Marcelo) não impediu que houvesse a eliminação da subjugação. A pesquisadora continuou sendo alvo de olhares.

E o que dizer sobre a invisibilidade para o atleta e seu treinador em resposta ao cumprimento? Por que é possível cumprimentar os homens ali presentes e não a mulher? Estar fisicamente presente torna o invisível, visível, ainda que continue em uma situação de opressão, desafiando o patriarcal instituído.

Afinal, o que são os “erros” da pesquisadora? Pensando sobre isso notamos que talvez fosse mais interessante falar sobre as aspas presentes na palavra erro (que apontam para uma ironia). Para isso é importante retomar que uma ação nunca é ingênua e nunca acontece no vácuo, já que são elas que autorizam que determinada conduta aconteça. Além disso, uma ação tem efeitos e ajuda produzir realidades. Falar que se acompanha uma equipe, cumprimentar pessoas ou seguir uma proibição de uma propriedade privada talvez diga mais das práticas locais do que dos “erros” da pesquisadora. Basta se perguntar por que a palavra “acompanhar” ganhou conotações maliciosas, por que cumprimentar pessoas soou tão estranho ao ponto de não receber retribuição ou ainda, na lógica que embasa a necessidade de sair de uma sala de treinamento.

Seguindo a Rose Braidotti (1994), temos aqui a necessidade de “abandonar o lar”, este lugar em que reina as identidades normatizadas, permeada frequentemente pelo racismo, o sexismo e o machismo. No pensamento da autora as identidades fixas devem ser abandonadas, criando novos elos, compromisso social e propiciando a libertação das mulheres. Quem sabe aí os “erros” da pesquisadora pudessem ser compreendidos como meras ações, palavras ou condutas adotadas em um local específico e com pessoas específicas. Quem sabe aí se autorizaria mulheres e homens a atuar de acordo com seu ideário profissional e não de acordo com um certo papel instituído.

A experiência vivida nesse estudo etnográfico, aponta para o enfrentamento de posicionamentos destinados ao feminino e, talvez possa ser entendido como uma resistência ao patriarcal, ao transgredir limites e não aceitar as normas de conduta destinado, com seus corpos dóceis e disciplinados.

Considerações finais

Em um contexto pós-moderno, onde atletas se tornam produtos, onde a rentabilização das organizações (ligas de MMA) são acompanhadas de perto por investidores em tempo real e, a modalidade esportiva torna-se um espetáculo, tem-se aqui a questão venal: qual o lugar das mulheres nesse cenário? A presença da mulher é historicamente repleta de marcações culturais, gerando efeitos para além de uma ação intencional de sua parte. Ela é coisificada, tornada objeto de desejo e, assim, despersonalizada de seu saber, subjetividade e corpo. Ela pode ficar ali parada, observando e, ainda assim, gerar efeitos, como se pode ver nesse artigo.

Este relato de pesquisa nos levou a problematizar a presença e a paradoxal invisibilidade da mulher, no contexto do MMA. Sua visibilidade é possível na medida em que é servil, como uma trabalhadora que consegue seu posto em função de seus estereótipos físicos e que, dificilmente ocuparia um cargo estratégico. Também é possível como prostituta, fã, familiar ou namorada. Mas ainda era impensável como membro de uma comissão técnica. E o que dizer se essa atuação fosse como psicóloga do esporte? Será que seria possível ocupar os mesmos espaços de um psicólogo sem a constante tutela dos masculinos presentes (atleta, treinador)?

Nesse sentido, entendemos que o recorte que aqui trouxemos não reflete uma ação isolada, que aconteceu ao “acaso”, mas sim que aponta

para as complexidades do cotidiano e de práticas sociais que subjagam o feminino.

Referências

- Agência de Notícias da Prefeitura Municipal de Curitiba (2016, 20 de maio). *UFC confirma preparo de Curitiba para eventos e gera impacto de R\$ 45 milhões*. Recuperado em 20 de jun. 2016: <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/ufc-confirma-preparo-de-curitiba-para-eventos-e-gera-impacto-de-r-45-milhoes/39753>
- Alonso, M.; Nagao, S. (2013). *Do vale tudo ao MMA: 100 anos de luta*. Rio de Janeiro: Editora PVT.
- Araújo, M. de F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, 17(2), 41-52.
- Awi, F. (2012). *Filho teu não foge à luta*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Braidotti, R. (1994). *Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory*. New York: Columbia Univ. Press.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL.
- Camilo, J. A. de O. (2016). *Trabalhador, ídolo, sobrevivente, "casca-grossa" e humano: um estudo sobre versões de atletas de Mixed Martial Arts*. Tese de doutorado em Psicologia Social, Pontifícia Univesidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Combate (2015). *Arianny Celeste dispara contra Ronda: "Ela não passa de uma valentona"*. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2015/02/arianny-celeste-dispara-contraronda-ela-nao-passa-de-uma-valentona.html>
- Franchini, E., & Vecchio, F. B. D. (2011, dezembro). Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, 25, 67-81.
- Garcia, C. C. (2015). *Breve História do Feminismo*. São Paulo: Claridade.
- Gomes, L. (2014, 28 de julho). A luta que move milhões. *Istoé* *Comportamento*, São Paulo, ago. 2010. Recuperado em 9 jan. 2015: http://www.istoe.com.br/reportagens/95191_A+LUTA+QUE+MOVE+MILHOES
- Hirose, A., & Pih, K. K. (2010). Men Who Strike and Men Who Submit: Hegemonic and Marginalized Masculinities in Mixed Martial Arts. *Men and Masculinities*, 13(2), 190-209.
- Ibáñez, T. (1993). Construcciónismo y psicología. *Revista Interamericana de Psicología*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, 105-123.
- Ibáñez, T. (1994). La construcción del conocimiento desde una perspectiva socioconstruccionista. In M. Montero (Org.). *Conocimiento, realidad e ideología* (pp.39-48). Caracas: Asociación Venezolana de Psicología Social.
- Ibáñez, T. (2001). *Municiones para disidentes*. Barcelona: Gedisa.
- Ibáñez, T. (2004). O "giro lingüístico". In L. Iñiguez (Org.). *Manual*

- de análise do discurso em *Ciências Sociais* (pp.19-49). Petrópolis: Vozes.
- Irigaray, L. (1977). *Ce sexe que n'en est pas un*. Paris: Minuit.
- Irigaray, L. (1979). *Et l'une ne bouge pas sans l'autre*. Paris: Minuit.
- Latour, B. (2000). *Ciência em ação*. São Paulo: Unesp.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o Social*. Salvador - Bauru: Edufba.
- Latour, B., & Woolgar, S. (1997). *Vida de laboratório*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Law, J. (1994). *Organizing Modernity*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Law, J., & Mol, A. (2008). The actor-enacted: Cumbrian sheep in 2001. In C. Knappett & L. Malafouris (Eds.). *Material Agency: towards a non-anthropocentric approach* (pp. 57-77). New York, NY: Springer.
- Nascimento, A. R. A., Veloso, F. G. C., Almeida, A. C. C., Miranda, C. C. L. A., Fernandes, J. & Nunes, K. C. (2011). Virilidade e competição: masculinidades em perfis de lutadores das Revistas Tatame e Gracie magazines. *Memorandum*. 21, 195-207.
- Ozanian, M.(2014). *The Forbes Fab 40: The World's Most Valuable Sports Brands 2014*. Recuperado em 20 de junho de 2016, de <https://www.forbes.com/forbes/welcome/?toURL=https://www.forbes.com/sites/mikeozanian/2014/10/07/the-forbes-fab-40-the-worlds-most-valuable-sports-brands-2014/&refURL=&referrer=#d0100c016769>
- Pereira, A.B. (2015). *A construção social do tipo "Jogador de Futebol" sob o olhar da psicologia social do esporte*. Curitiba: Appris.
- Rubio, K. (2001). *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Spink, P. K. (2003, julho/dezembro). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, 15 (2), 18-42.
- Wacquant, L. (2002). *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Wells, G. (2012). *Mixed Martial Arts: Ultimate Fighting Combinations*. Minneapolis: Lerner Publications Company.
- Zucal, J. G. (2005). "Soy Macho porque me la aguanto". Etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino. In P. Alabarces. *Hinchadas* (pp.39-57). Buenos Aires: Prometeo.

Sobre o autor

Juliana A de Oliveira Camilo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP (Brasil)

Adriana Bernardes Pereira

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás (Brasil)

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Juliana A de Oliveira Camilo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária. , Rua Ministro de Godói, Perdizes, 05014-901 - Sao Paulo, SP - Brasil

E-MAIL: jmisse@ig.com.br

TELEFONE: (11) 36708000